

CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DAS NOÇÕES: “GRANDE ESTILO” E “GRANDE POLÍTICA” EM NIETZSCHE

Antonio Charles Santiago Almeida

Doutorando em Educação pela UFPR/Bolsista da Fundação Araucária
Professor de Filosofia e Sociologia da UNESPAR

Fabício Santiago Almeida

Mestrando em Filosofia – UFBA/Bolsista do CNPq/
Professor de filosofia do Curso de Formação de Professores da UESB – Plataforma Freire

Resumo: O propósito geral deste artigo é duplo: por um lado, trata-se de empreender a pergunta pelo sentido da noção de “Grande Política” na filosofia de Nietzsche; por outro, procura-se pôr à prova a hipótese de que tal conceito de política retira sua significação mais profunda da idéia de “Grande Estilo”, diretriz artística que, segundo o filósofo alemão, pressupõe um redirecionamento inovador dos estados internos de tensão de nossos impulsos – o que nos impeliria, em princípio, a outras possibilidades de sublimação das energias vitais, já que traz consigo “o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados”. A partir dessa sublimação, o filósofo espera uma nova forma de política ou, “Grande Política”.

Palavras-chave: Nietzsche. “Grande Política”. “Grande Estilo”. Fisiopsicologia

Résumé: Le but de cet article est double: d'une part, il s'engage sur la question de la signification de la notion de «Grande Politique» dans la philosophie de Nietzsche, d'autre part, cherche à tester l'hypothèse selon laquelle une telle conception de la politique tire sa signification la plus profonde de l'idée de "Grand Style", direction artistique qui suppose, selon le philosophe allemand, une réorientation innovante des états internes de tension de nos impulsions – ce qui nous pousserait, en principe, à d'autres possibilités de sublimation des énergies essentielles, puis qu'elle apporte "le désir d'augmenter la distance dans l'âme elle-même, l'élaboration des États toujours les plus élevés". A partir de cette sublimation, le philosophe espère un e nouvelle forme de politique, ou "Grande Politique".

Mots-clés : Nietzsche. ‘Grande Style’. ‘Grande Politique’. Physiopsychology.

No estudo da filosofia de Nietzsche, a questão de como ele inter-relaciona seus principais conceitos é central. Qualquer tentativa de interpretação de tal filosofia tem de levar em conta o fato de que o íntimo vínculo que o filósofo estabelece entre arte e política está longe de ser acidental; é, ao contrário, um desdobramento natural de uma série de reflexões a respeito das mais importantes estimativas de valor do homem moderno. Por essa razão, os textos nietzschianos que se dedicam à análise da arte e da política também podem ser caracterizados como um ousado esforço para levar a cabo uma crítica radical à modernidade política e a cultura no ocidente.

Nesse sentido, a política em Nietzsche é vista como uma fórmula de contraposição aos fenômenos de nivelamento da modernidade. Dessa forma, o liberalismo burguês do século

CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DAS NOÇÕES: “GRANDE ESTILO” E “GRANDE POLÍTICA” EM NIETZSCHE

Antonio Charles Santiago Almeida e Fabrício Santiago Almeida

XIX, com a sua idéia de universalização e igualdade no plano político e moral, fomentaria no homem moderno o espírito de animal de rebanho. É nesse sentido, aliás, que Nietzsche assevera: “Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho” (NIETZSCHE, 2007a: 89). Mais do que uma simples constatação, o filósofo vê na moderna ideologia do igualitarismo e na crença religiosa da moral cristã a ação de algo mais insidioso, porquanto elas conduziriam a uma diminuição do próprio homem. E, a esse propósito, ele diz ainda: “nós, que consideramos o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma forma de decadência ou diminuição do homem, sua mediocrização e rebaixamento de valor” (NIETZSCHE, 2007a: 103). O rebaixamento ao qual o pensador se refere é a nivelção padronizadora do homem e a exclusão das diferenças, características marcantes nos movimentos políticos da modernidade.

A idéia moderna de nivelamento universal não passaria, no fundo, de um projeto em que as energias vitais do homem são ofuscadas em prol do utilitarismo, uma vez que transforma o homem numa peça de engrenagem, fenômeno típico de uma humanidade robotizada. Ou, como afirma Nietzsche:

A tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de algum modo importa, aproximá-lo de uma máquina infalível: *virtude de máquina* (- ele tem que aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha de maneira maquinalmente utilizável como os de supremo valor: para tanto é necessário que os outros [estados OGJ.] sejam tornados tanto quanto possível penosos para ele, tanto quanto perigosos e suspeitos. (NIETZSCHE. Fragmento Póstumo. 10 [11] do outono e 1888. 2005, p. 34)

O filósofo alemão também detecta esse tipo de homem ao analisar a educação que está voltada para o tecnicismo da indústria. A seu ver, a educação tomou um rumo nefasto quando o crescimento econômico da Alemanha alcançou, no século XIX, proporções gigantescas na sua produção lucrativa. A Nietzsche interessa, porém, saber de que modo a educação pode mudar a direção da humanidade, não como um milagre, mas com a lucidez da ruptura desse modo de vida uniforme. Ele passa então a conceber uma educação por meio da qual a humanidade consiga buscar e realizar as circunstâncias favoráveis que permitirão o nascimento de grandes homens. Para tanto, o ideal formativo não poderá estar mais vinculado aos interesses que vigoram na moderna sociedade padronizada. “É preciso, sem dúvida,” diz o filósofo, “uma meditação totalmente insólita para desviar o olhar dos atuais estabelecimentos de educação e voltá-lo em direção a instituições completamente estranhas e de outra espécie” (NIETZSCHE, 1974: 84). Fica patente, com esse argumento, a preocupação do filósofo com

um novo tipo de sociedade, que pode ser alcançada a partir de uma nova forma de educação e com um novo tipo de homem.

Lebrun¹ nos lembra que o socialismo utópico também engendra homens a serviço de uma dada uniformidade, condenando-se, ademais, ao “otimismo econômico”. Valendo-se deste último, o comentador francês questiona: “a cegueira dos socialistas para o sentido da própria ação não viria tão somente de que *também eles* cedem à miragem do ‘otimismo econômico?’ ” (LEBRUN, 2006: 46). Porque se fia igualmente num nivelamento identificador, a fórmula socialista é uma utopia que, em termos de sua efetividade moral, não difere tanto da fórmula liberal de igualdade e universalização. Mais até. Propondo-se a definir um estado atual e não uma condição a longo prazo, o socialismo tampouco poderia prever a igualação de nossa maneira de agir e pensar. A esse respeito, Nietzsche declara: “a degeneração global do homem, descendo ao que os boçais socialistas vêem hoje como o seu ‘homem do futuro’ – como seu ideal! -, essa degeneração e diminuição do homem até tornar-se o perfeito animal de rebanho” (NIETZSCHE, 2007a: 92).

No fundo, os movimentos políticos modernos trazem em si, segundo o filósofo alemão, o ideal da moral cristã. Não foi diferente com a Revolução Francesa. O seu lema soa tão cristão aos ouvidos do filósofo, quanto o próprio cristianismo. A liberdade é a nivelção gregária e a igualdade é a exclusão das exceções, de sorte que a afirmação das diferenças despertaria o ódio nas pessoas. A fraternidade é o fruto dos ressentidos, com suas frustrações, negatividade e desejo de vingança (MARTON, 1990: 145). Ao ponderar sobre esses pilares da modernidade política, Nietzsche julga encontrar, enfim, uma outra versão da moral do ressentimento. Crítico desta última, ele trata então de atacar a imposição do que é uniforme. Tanto é assim que escreve:

Creio que tudo o que hoje na Europa estamos habituados a venerar como ‘humanidade’, ‘moralidade’, ‘humanitarismo’, ‘compaixão’, ‘justiça’, com efeito, pode ter um valor de fachada [...] não é nada além do que o apequenamento do inteiro tipo ‘homem’, sua definitiva mediocrização (NIETZSCHE. Fragmento Póstumo 2 [13], outono de 1885 – outono de 1886. 2005, p.31 – 32)

A igualdade defendida pela moral cristã ou movimentos políticos modernos é uma noção lapidada a partir de uma idéia astuta e antiga. Desde o princípio dos tempos, a noção de equilíbrio de forças teria regulado as relações humanas numa tentativa dos mais fracos conservarem a própria existência. Vivendo em rebanho, eles poderiam enfrentar os mais

¹ Cf. LEBRUN, Gerard. *Além-do-homem e homem total*. In: A Filosofia e sua história. 2006, pp. 169 – 198.

CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DAS NOÇÕES: “GRANDE ESTILO” E “GRANDE POLÍTICA” EM NIETZSCHE

Antonio Charles Santiago Almeida e Fabrício Santiago Almeida

fortes; dispendo de forças equivalentes, estabeleciam a paz em contratos entre si; desse modo, teria surgido a noção de direito ou de justiça. A esse respeito, Nietzsche escreve:

O mais antigo e mais ingênuo cânon moral da *justiça*, o início de toda “bondade”, de toda “equidade”, de toda “boa vontade”, de toda “objetividade” sobre a terra. Justiça, nesse primeiro grau, é a boa vontade, entre o que tem potência mais ou menos igual, de se acomodarem uns aos outros, de, por meio de um igualamento, voltarem a se “entender” – e, em referência aos que têm menor potência, *coagi-los*, abaixo de si, a um igualamento. (NIETZSCHE. *Genealogia da Moral* II, § 8, 1987).

Tendo em vista tal fragmento, pode-se atribuir à relação de direitos e deveres uma representação de forças; a saber, o direito é o poder que os outros reconhecem e permitem conservar, já os deveres são os direitos que um tem sobre o outro. Porém, essa idéia surgiria ou desapareceria a partir das modificações das relações. No fundo, a igualdade entre os homens é apenas uma idéia forjada por aqueles que precisariam somar forças para garantir a existência.

A humanidade nivelada a partir da noção de direito que exclui as diferenças continuaria sendo uma espécie de humanidade de rebanho, contribuindo para o surgimento do último homem, representante da negação das forças. Não por acaso, o filósofo alemão contrasta esse homem com uma espécie superior, isto é, “o homem sintético, somatório, justificador” (NIETZSCHE, 2005), que pode inventar para si sua forma superior de ser. A esse propósito, acrescenta o filósofo: “o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo ‘homem’” (NIETZSCHE, 2007: 153). É com esse homem, que o autor de *Além do Bem e do Mal*, vislumbra o futuro da humanidade, ou seja, eles seriam os legisladores do futuro, os que inovam e criam os novos valores.

Com a idéia de “Grande Política”, Nietzsche espera pensar no homem do futuro a partir do ideal de individualidade, pois esse homem pode inventar para si o ideal de capacidade que falta ao homem moderno, assim nos esclarece o filósofo: “Uma nova, formidável aristocracia, construída sobre a mais dura autolegislação, na qual será dada duração por milênios [...], para tomar em mãos os destinos da terra, para esculpir, como artista, no próprio ‘homem’” (NIETZSCHE, 2005: 35). Para o filósofo alemão, faz-se necessário um inaudito perfil humano de grandeza para alcançar a auto-superação, como fazem os espíritos livres. Mas, a seu ver, esse perfil só poderia ser alcançado através da atividade artística, pois é esta que possibilitaria a chance de se contrapor a toda uniformidade e negação da vida.

A atividade artística que nos permite pensar na possibilidade de uma sublevação frente ao moderno estado de coisas é denominada pelo filósofo “Grande Estilo”, noção que é elaborada no derradeiro período de sua filosofia e que nos leva a perceber que, em seu itinerário intelectual, não há uma noção unívoca de arte. No período de juventude, ao reduzir as obras de arte a uma intuição primeira ou a uma causa inteligível que lhes fosse exterior, são freqüentes às vezes em que se detém na elaboração da assim chamada metafísica de artista, admitindo a arte como uma inspiração genial. No período atinente à elaboração de *Humano, demasiado humano*, quando depõe contra a idéia de inspiração genial, opta pelo exame atento dos princípios de estruturação das belas-artes, consentindo em ser guiado tão-só pela tecnicidade à base da criação artística. E, por fim, no período de maturidade filosófica – no qual a doutrina do eterno retorno se torna seu pensamento mais abissal -, a arte é, para o filósofo, uma das condições vitais de existência, haja vista que nos impulsiona à sublimação das energias vitais, como nos evidencia o filósofo no apontamento a seguir: “A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida. [...] A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida” (NIETZSCHE, 1974: 36).

É dessa forma que a arte possibilitaria ao homem uma elevação em detrimento do estado de mediocridade do homem moderno, já que é a partir da atividade artística que o homem se contrapõe a toda negação da vida. Essa é a fórmula dos espíritos livres que se direcionam rumo à auto-superação, sendo que é a partir dela que o filósofo percebe surgir a nova aristocracia do espírito; com esta, o homem teria a capacidade de se reconhecer como individualidade, colocando-se à frente com suas virtudes, ao contrário dos “homens máquinas” da modernidade.² É essa característica dos espíritos livres que leva o homem a transfigurar força em beleza, rigor moral em consciência do dever e honestidade intelectual, severidade em doçura e dar à própria vida a bela forma da obra de arte. Nietzsche aponta Goethe como exemplo desse artista.³ Segundo o filósofo, este soube conquistar o domínio de si sem renunciar à sua natureza, característica do artista do “Grande Estilo”, ou seja, a arte dionisíaca.

² Esse conceito é utilizado por Nietzsche para indicar os homens que fazem parte de uma esfera robotizada da humanidade. Cf. citação da página 5 deste trabalho. “A tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível utilizável e, na medida em que isso de algum modo importa, aproximá-lo de uma máquina infalível: *virtude de máquina*”.

³ Cf. NIETZSCHE, F. “*A Grande Política*” *Fragments*. In: clássicos de Filosofia: Fragmento Póstumo, 35, [9], maio-junho de 1885, p 27-28. Cadernos de Tradução nº 3. Tradução de Oswaldo Giacoia Jr. IFCH / UNICAMP, 2002.

CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DAS NOÇÕES: “GRANDE ESTILO” E “GRANDE POLÍTICA” EM NIETZSCHE

Antonio Charles Santiago Almeida e Fabrício Santiago Almeida

Nietzsche, no momento de sua maturidade filosófica, ao implodir a dicotomia entre mundo aparente e mundo verdadeiro, redimensiona a relação entre Apolo e Dioniso, de sorte que o primeiro não se limita a representar a majestade dos traços e das linhas e tampouco o último se restringe à necessidade de transbordamento e excesso. Doravante, o artista deve se submeter aos seus desejos e sua vontade, mas com autodomínio. Ao embelezar a atividade artística e simbolizar o “Grande Estilo”, Dioniso adquire, no limite, as características de Apolo, ao mesmo tempo em que integra os valores clássicos da criação.

É com a arte que o homem se torna capaz de expressar seus impulsos, sendo que estes, ao tomarem a palavra, terminam por destronar o estatuo privilegiado da consciência. Como afirma o filósofo: “ao nosso impulso mais forte o tirano em nós, submete não apenas nossa razão, mas também nossa consciência” (NIETZSCHE, 2006: 71). É sem a consciência moral impressa pelos valores da modernidade que os impulsos agem no homem, afinal, “o homem para Nietzsche, não é simplesmente um *individuum*, mas uma multiplicidade de impulsos que lutam incessantemente em busca de domínio, cada um desejando impor sua própria perspectiva” (BARROS, 2002: 80). O resultado dessa luta se revela no agir do homem. Porém, quando esses impulsos são suprimidos pela moral, a negação da força se manifesta em forma de ressentimento, compaixão ou negação da vida. Essa característica é enfaticamente criticada e denunciada por Nietzsche na religião cristã, tanto é assim que ele escreve: “O cristianismo é chamado de religião da compaixão. – A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento da vida” (NIETZSCHE, 2007b: 13). Para o filósofo, essa característica influenciou também os movimentos políticos da modernidade com seus ideais de igualdade e fraternidade. Tanto é assim que na sua principal denúncia contra o cristianismo, ou seja, *O Anticristo*, Nietzsche afirma: “Nossa política está *doente* dessa falta de coragem! – O aristocratismo da atitude foi minado, nos mais subterrâneos alicerces, pela mentira da igualdade de almas” (NIETZSCHE, 2005: 51-52).

Para se contrapor a esse estado “doentio”, o filósofo alemão busca a arte como expressão dos impulsos. A esta, Nietzsche chama na maturidade de “Grande Estilo”. Este se perdeu na modernidade, cedendo terreno aos interesses pressupostos pelo utilitarismo e pelo nivelamento do homem, mas Goethe, segundo o filósofo, soube guardar o sentido desse espírito livre. A arte, da qual Goethe é o representante, não é o transe ou o êxtase, mas ocorre quando o belo obtém vitória sobre o monstruoso, é o delírio racional como diz o filósofo: “o verdadeiro artista é aquele que delira racionalmente”. (NIETZSCHE, CARTA A PETER GAST, 20-03-1883). Esse delírio artístico precisa ser direcionado para que não haja

ambigüidade entre arte e loucura, mas esse direcionamento deve ser de acordo com a própria vontade. O artista do “Grande Estilo” é aquele que joga com as aparências, ele cria um estilo, impõe sua produção a um paciente exercício. Ele faz da vontade sua arte, ao contrário do artista moderno que espera pela superstição do gênio. Para o filósofo alemão, ao artista cabe criar a partir de seus impulsos como forma de sublimação das energias vitais, ao mesmo tempo em que desconfia do entusiasmo cego.

Para Nietzsche, o homem perdeu sua coragem de agir quando se voltou exclusivamente para as coisas do espírito, supervalorizando o antinatural. No momento em que reconsidera a atividade fundamental de seus instintos - não como queria Rousseau, pois, segundo a interpretação nietzschiana, retornaríamos, desse modo, à idéia da pequena política da igualdade. O que o filósofo alemão está propondo é que o homem se liberta da submissão imediata às injunções morais. Nesse sentido, lê-se:

Rousseau, este primeiro homem moderno, idealista e *canaille* (canalha) em uma única pessoa; que tinha a necessidade da ‘dignidade moral, para preservar em seu próprio aspecto; doente de uma vaidade e de um autodesprezo desenfreados. Também este aborto, que se colocou em meio ao umbral do novo tempo, queria o ‘retorno à natureza’ – para onde, uma vez mais indago, Rousseau queria retornar? (NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos*. “Incursoes de um extemporâneo” § 48).

Para o autor do *Crepúsculo dos ídolos*, Rousseau é o representante da moral, assim como suas idéias de retorno à natureza humana, da qual a desigualdade de condições entre os homens não é natural, mas uma conseqüência da evolução social. Rousseau não podia imaginar, segundo o filósofo alemão, que esse retorno à natureza seria a exacerbação dos instintos. Portanto, as ações do homem devem ser conduzidas a partir da força dos impulsos, por isso, insiste o filósofo, “não cometamos covardia em relação a nossos atos! Não os abandonemos depois de fazê-los! – É indecente o remorso” (NIETZSCHE, 2006: 10).

Nesse sentido, um novo tipo de homem não teria remorso algum em assumir o comando de si próprio e renunciar à possibilidade de ser guiado pelos deuses ou por alguma totalidade moralmente determinada. Resta ao artista tomar para si esse comando e esculpir os novos valores da humanidade, pois ele, na visão nietzschiana, é quem expressa seus impulsos acima dos valores morais. Com o entendimento do “Grande Estilo” e da “Grande Política”, somos conduzidos pela filosofia nietzschiana a perceber a possibilidade do projeto da transvaloração de todos os valores. A idéia de criação de novas tábuas de valores é uma

CRÍTICA À MODERNIDADE POLÍTICA A PARTIR DAS NOÇÕES: “GRANDE ESTILO” E “GRANDE POLÍTICA” EM NIETZSCHE

Antonio Charles Santiago Almeida e Fabrício Santiago Almeida

preocupação do filósofo que fica evidente nos seus textos do derradeiro período em conjunto com os conceitos supracitados. Nesse sentido, o filósofo afirma:

Pois se a verdade entra em luta com a mentira de milênios, haveremos de ter abalos tremendos, uma convulsão de terremotos, uma transposição de montanhas e vales, conforme jamais sequer foi sonhada. O conceito política, então, estará completamente envolvido em uma guerra de espírito, todas as imagens de poder da velha sociedade explodirão no ar – todas elas descansam sobre a mentira: haverá guerras conforme jamais as houve sobre a terra. Só a partir de mim é que há na terra **grande política**. (NIETZSCHE, *Ecce homo*, “porque sou um destino”, § 1, 2003)

A guerra no entender do filósofo é a colisão de consciência, pois na transvaloração dos valores será preciso destruir os valores vigentes e isso causará grandes abalos. Contudo, no entender de Nietzsche, não basta ponderar sobre os valores antigos, mas sobre a própria procedência desses valores, pois o valor dos valores está diretamente ligado aos que os engendraram. Na seção “Dos mil e Um alvos” de *Assim falou Zaratustra*, o autor nos esclarece que a criação de novos valores depende da avaliação dos próprios valores. Sem essa avaliação seria impossível determinar o valor dos valores e, conseqüentemente, o sentido e o alcance da transvaloração – afinal, criar também é avaliar. Eis o que nos fala o filósofo: “somente pelo estimar há valor: e sem o estimar a noz da existência seria oca” (NIETZSCHE, 1974: 241). É essa avaliação que constitui a base para a criação dos novos valores e o sentido da existência.

REFERÊNCIAS

BARROS, Fernando de Moraes. **A Maldição Transvalorada**. “O problema da civilização em o anticristo de Nietzsche”. São Paulo: Discurso Editorial/Editora Unijuí, 2004.

LEBRUN, Gérard. **Quem Era Dioniso?** In: *Kriterion*, Belo Horizonte: v. 26. pp. 39-66, 1985.

_____. **Além-do-homem e homem total**. In: *A Filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify, pp. 169-198, 2006.

MARTON, Scarlett. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 a.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O Anticristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 b.

_____. **Ecce Homo**. Porto Alegre: LePM Editores, 2003.

_____. **A “Grande Política” Fragmentos**. In: Clássicos de Filosofia: Cadernos de Tradução n. 3. IFCH/UNICAMP, 2005.